

Novas estratégias no ensino de geografia para vestibulandos

Renata de Souza Ribeiro (UERJ/FFP)
Thiago Jeremias Baptista (UERJ/FFP)

Eixo: Fazendo escola com múltiplas linguagens

Resumo

Este texto relata a experiência desenvolvida no curso Pré-vestibular Comunitário Cidadania Para Todos, situado no bairro de Padre Miguel, município do Rio de Janeiro. Por meio da utilização de estratégias (tais como: mapas, gráficos, tabelas, jornais, revistas, músicas, vídeos, fotos), pretende-se apresentar novas propostas para a leitura crítica do contexto geográfico em que vive o aluno e para o ensino de Geografia para vestibulandos. O ensino desta disciplina está voltado a duas finalidades centrais, que consistem em contribuir: (1) para a prática da cidadania dos alunos no espaço geográfico em que vivem e (2) para a aprovação destes alunos no vestibular. Os objetivos de nossa proposta estruturaram-se em lecionar o conteúdo de geografia concernente ao programa de estudos proposto pelas universidades, viabilizando um processo de ensino-aprendizagem a partir da utilização das tecnologias e de seus textos, que se desdobra em estudo de campo, aulas temáticas, simulados, resolução de exames e no Projeto Geofotografias, almejando chamar a atenção do aluno para as questões relativas à natureza e à sociedade que estão colocadas em seu espaço geográfico, bem como estimular o senso crítico acerca das questões e problemáticas atuais que possivelmente venham a ser abordadas nos exames de vestibular.

Introdução

Entre os desafios relacionados ao ensino de geografia, a distância entre os “conteúdos” geográficos e a vida dos alunos continua a destacar-se como fator prejudicial à formação do senso crítico e à compreensão inter-relacional das problemáticas físicas, humanas, sociais e ambientais que afetam os alunos (e a todos nós). Segundo Moreira (1987, p.103) uma ciência com acento escolar permanente como é a Geografia é, antes de qualquer coisa, uma grande responsabilidade política. No entanto, cabe ao professor lecionar essa disciplina de modo satisfatório; devendo compreender que a “Geografia do professor” é a prática social de uma ciência, isto é, a prática social da Geografia. Visto que, além de interessarem aos geógrafos, de acordo com Lacoste (1988, p.22), os problemas da Geografia [...] interessam em última análise, a todos os cidadãos.

Atualmente, os estudos sobre o ensino da geografia têm questionado a relação conteúdo e metodologia, criticando a chamada “lógica conteudista”, que prioriza quantidade ao invés de qualidade (MARTINS, 2006, p. 2). Segundo Lana Cavalcanti (1998, p. 25), “para cumprir os objetivos do ensino da geografia, sintetizados na idéia

de desenvolvimento do raciocínio geográfico, é preciso que se selecionem e se organizem os conteúdos que sejam significativos e socialmente relevantes”.

A geografia, como componente curricular da educação básica, tem um papel a cumprir na formação do cidadão:

É provável que poucos de nós, professores de geografia, ainda hoje acreditemos que o papel da escola e do ensino da geografia seja ‘ensinar fatos ou acontecimentos’ que sejam ‘neutros’ no sentido de fruto de uma ‘inatacável ciência’ e adequados à vida do educando na sociedade. (VESENTINI, 1992, p. 24).

Indaga-se aqui, sobretudo, como realizar novas propostas para o ensino de Geografia, ante ao impasse apresentado por Lacoste (1988, p. 21) onde [...] os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, o relevo – clima – vegetação – população – agricultura – cidades – indústrias. Deve-se entender que esta proposta simplória de se ensinar Geografia mascara o campo de conhecimento de uma ciência. Há que se salientar que a Geografia concede relevante contribuição aos conhecimentos relativos ao espaço, ao planejamento territorial, às questões concernentes à sociedade e natureza, dentre outras, direcionando as análises geográficas também ao interesse das práticas políticas, militares e financeiras que constituem a “Geografia dos Estados-Maiores”.

Para alguns autores, o fato de manter as informações geográficas restritas a dadas análises faz com que a ciência geográfica apresente-se enfadonha em suas práticas educacionais. Portanto, torna-se necessário o estudo e análise do contexto espacial do aluno, aproximando-o dos conceitos geográficos permitindo, assim, que este compreenda a sua realidade, suas raízes, os problemas locais e regionais. Pois, Cavalcanti (2002, p.82) adverte que a observação é uma atividade seletiva, pois depende de requisitos do observador. A seleção de elementos observados, por exemplo, é feita com base em instrumentos conceituais e na sensibilidade de quem observa. Trata-se de uma habilidade que pode ser desenvolvida na escola, e particularmente na Geografia, que tem nas formas especiais (paisagem) um primeiro nível de análise do próprio espaço.

A Busca por Novas Estratégias no Ensino da Geografia

Um grande desafio enfrentado atualmente pelos professores na prática de ensino é o de considerar que o trabalho escolar insere-se numa sociedade plena de tecnologia, e que esta tecnologia tem modificado nossas formas de comunicação e de troca de informação. Em tese, numa reflexão de Guimarães (2007, p. 20): “é importante que a escola se constitua como um espaço-tempo de comunicação [...], pois se pretendermos que a educação se aproxime da área de comunicação é preciso propiciar as condições para que, na escola, sejam formalizados conhecimentos acerca dos textos que circulam na sociedade: dos contextos e mecanismos da produção textual à pluralidade constitutiva da recepção”. Para Cavalcanti (2005, p.83), o trabalho com essas formas de linguagem requer muita sensibilidade de professores e alunos, pois a cultura produzida neste mundo de tecnologias é repleta de informações geográficas. Então, é preciso que os professores, bem como as instituições de ensino, estejam conectadas com esse mundo, no sentido de continuar trabalhando com o saber escolar, sem desconsiderar o saber produzido fora da escola, e tendo a oportunidade de trabalhar com ele.

Desta forma, hoje novas preocupações e sugestões metodológicas precisam ser consideradas. Estudantes cumprem, muitas vezes, uma série de atividades teóricas, conceituais e genéricas que desconsideram o seu próprio ambiente natural e construído. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (1998, p. 35), por exemplo, reconhecem que os alunos devam aplicar o uso das escalas cartográfica e geográfica como formas de organizar e conhecer a localização, distribuição e frequência dos fenômenos naturais e humanos. Porém, na prática, esse é um dos casos da grande dificuldade, apresentada por estudantes de Ensino Médio das escolas públicas – a interpretação de mapas.

A busca de uma prática pedagógica alternativa ao ensino convencional e o destaque ao ensino ativo e criativo têm levado, segundo Cavalcanti (2005, p. 87), a procedimentos de investigação na escola. Por esta razão, muitos autores indicam o trabalho com diversas linguagens em textos produzidos pelo cinema, pela fotografia, a partir das saídas a campo, por programas e *sites* que produzem mapas, cartas, gráficos e tabelas, dentre outros.

A compreensão ampla destes textos que tratam das problemáticas contemporâneas, além de ser importante para a participação efetiva no nosso espaço

geográfico, geralmente é uma exigência nos exames de vestibular. Vale ressaltar que o acesso à Universidade através do vestibular talvez seja a passagem mais difícil de todo o sistema educacional, pois o vestibular coloca em condições igualitárias de “candidatos” indivíduos oriundos de grupos sociais distintos e que obtiveram, em sua trajetória social, oportunidades distintas. Desta maneira, o vestibular tem sido um dos objetos de discussão dos movimentos populares.

Cabe, portanto, ao professor buscar estratégias para transformar a relação ensino-aprendizagem, principalmente no que diz respeito ao ensino de Pré-vestibular, considerado muitas vezes um “ensino-síntese”. Nesse sentido, a proposta deste estudo está pautada na investigação de quais estratégias poderiam despertar o interesse dos alunos para os conteúdos geográficos, proporcionando um melhor desempenho no ensino de Geografia para vestibulandos.

Diante do contexto delineado, este estudo realizado no Curso Pré-vestibular Comunitário Cidadania para Todos no Município do Rio de Janeiro/RJ, no ano de 2007, teve como objetivo aplicar, desenvolver e analisar estratégias pedagógicas com textos que procuram contextualizar os conteúdos programáticos, comumente trabalhados nos cursos de Geografia Geral e do Brasil, ressaltando a íntima relação entre os conhecimentos geográficos e as necessidades e problemáticas relacionadas ao contexto geográfico no qual o aluno se insere com vistas a auxiliar na participação deste aluno em seu espaço geográfico, bem como no bom desempenho no exame de vestibular.

Tratou-se de uma pesquisa-ação que, através de entrevistas e análise de desempenho realizadas com os alunos deste curso, procurou identificar as estratégias pedagógicas mais apreciadas pelos alunos, a partir da aplicação e desenvolvimento de estratégias, tais como:

- a interpretação de mapas (Figura 1);
- análise de gráficos e tabelas;
- exame de jornais e revistas (Figura 2);
- apreciação de músicas e vídeos;
- exposição de fotos - Projeto Geofotografias* ;
- aulas de campo (Figura 3);

* Projeto criado e desenvolvido pelos professores Renata S. Ribeiro e Thiago J. Baptista, desde o ano de 2006.

- aulas temáticas (Figura 4);
- simulados;
- resolução de exames de vestibular anteriores;
- projetos de aprofundamento.



Figura 1 : Mapas



Figura 2: Jornais e Revistas



Figura 3: Aulas de Campo



Figura 4: Aulas Temáticas

Resultados e Discussões

Considerando a proposta do trabalho e as dificuldades inerentes ao desenvolvimento de um estudo desta natureza, entendemos que os alunos participaram efetivamente do projeto e demonstraram a sua responsabilidade e compromisso, configurando um resultado satisfatório.

Quanto aos resultados (Ver gráfico 1), as entrevistas e análises de desempenho, indicaram que 75% dos alunos acreditam que a exposição de fotografias foi a estratégia que mais contribuiu para o aprendizado, seguidos de 50% que identificam as aulas temáticas e simulados como as melhores estratégias de ensino-aprendizagem. As demais

estratégias corresponderam a 25% das opiniões dos alunos, exceto o item músicas e vídeos, para o qual não foram relatados votos.

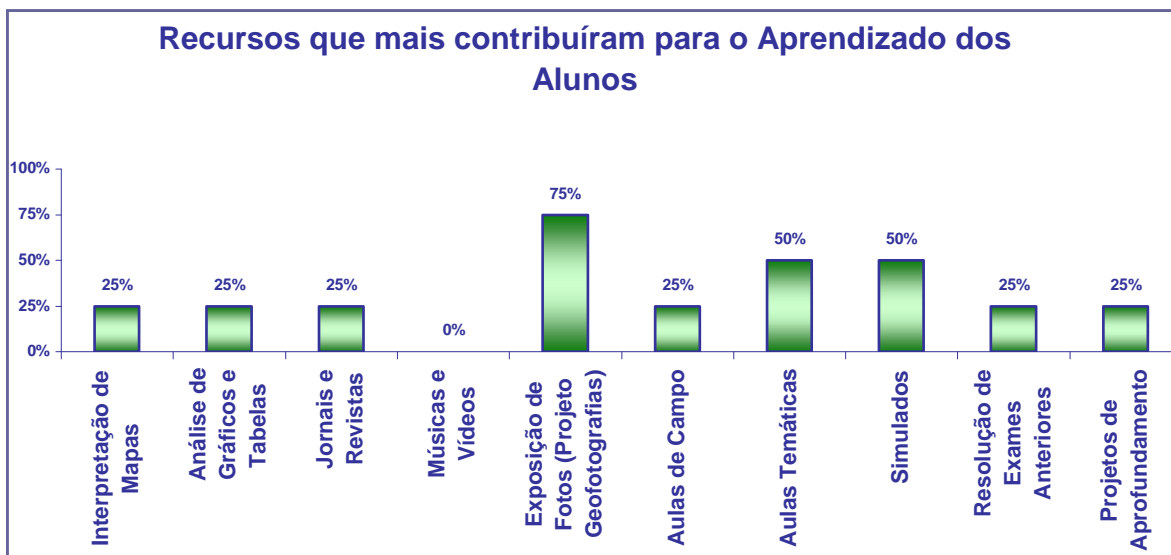


Gráfico 1: Recursos que mais contribuíram para o aprendizado dos alunos

Em uma compreensão dos dados analisados, a exposição de fotos foi apontada pelos alunos como aquele recurso que mais contribuiu para seu aprendizado. Tal resultado pôde ser atribuído por corresponder a um recurso novo, em detrimento de músicas e vídeos, cujos resultados não apareceram na pesquisa, talvez por serem recursos já conhecidos dos alunos, pois são muito utilizados em aulas no Ensino Fundamental e Médio. Vale ressaltar ainda, que se trata de alunos de pré-vestibular, o que os caracteriza como focados num objetivo específico que corresponde à aprovação nos exames de admissão. Os alunos consideraram, ainda, o debate em sala de aula como algo indispensável ao aprendizado, pois dinamiza a aula, permitindo que sejam expressas suas opiniões e esclarecidas suas dúvidas.

Considerações Finais

Os resultados do trabalho realizado nos levaram a refletir sobre a importância da pesquisa sobre novas estratégias para o ensino, pois muitos professores ainda se valem de uma didática tradicional, buscando mais a memorização que a compreensão desses conteúdos. Frente a isso, o desafio que se coloca, então, é realizar a possibilidade de intervir pedagogicamente para ajudá-los a se apropriarem dos saberes culturais, a que

têm pleno direito, porém não de maneira mecânica, mas quando tenham as ferramentas intelectuais para compreendê-los.

Diante da nossa proposta, fica evidente a necessidade de construir propostas inovadoras para a questão do ensino/aprendizagem com compreensão, assegurando o despertar dos alunos para as questões geográficas. A partir desta experiência, pudemos conferir a importância da investigação na problematização das ações cotidianas, na constituição de novas alternativas pedagógicas e na solidificação de uma formação de professores comprometida com a cidadania e uma sociedade mais justa. Em consideração à natureza do trabalho desenvolvido, e ainda, à crescente demanda da sociedade em relação à Universidade, no que diz respeito à realização de atividades que possam efetivamente minimizar o processo de exclusão social, tão presente no nosso meio social, compreendemos que nos cabe aqui acenar – e, portanto, não concluir – para possibilidades de continuar desenvolvendo esse projeto para contribuir com o favorecimento da aprendizagem e do ato de conhecer.

Referências

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Geografia* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Médio. *Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Humanas e suas tecnologias* / Secretaria de Educação Médio. Brasília : MEC/ SEF, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Ed. Alternativa, 2005.

GUIMARÃES, Gláucia. *Mecanismos Discursivos: Articulação de Linguagens na Tv*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, 2007.

LACOSTE, Yves. *A geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Tradução de Maria Cecília França. 2a. edição. Campinas: Papirus, 1989.

MARTINS, Rosa E. M. W. Os caminhos da geografia como disciplina escolar. Recife: *Anais do XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, abril de 2006.

MOREIRA, Ruy. *O discurso do avesso: Para a crítica da Geografia que se ensina*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

PONTUSCHKA, Nídia Nacid, *et al.* *Para ensinar e aprender geografia*. Ed. Cortez, 2007.

VESENTINI, José W. *Para uma geografia crítica na escola*. São Paulo: Ática, 1992.